

EAD E O MUNDO CONTEMPORÂNEO: BREVES OBSERVAÇÕES SOBRE UM SISTEMA-MUNDO

EAD AND THE CONTEMPORARY WORLD: BRIEF OBSERVATIONS ON A WORLD-SYSTEM

EAD Y EL MUNDO CONTEMPORÁNEO: BREVES OBSERVACIONES SOBRE UN SISTEMA-MUNDO

Nancy Rigatto Mello¹
Marcia Aparecida Amador Mascia²

Resumo: Este artigo trabalha a partir da hipótese de que a Educação a Distância (EAD) atua como ferramenta na produção de cidadãos funcionais para o sistema-mundo. Para tanto, a partir de recortes do pensamento de Enrique Dussel e Michel Foucault, busca observar a EAD, contextualizando com um trecho de uma entrevista com uma formanda em EAD.

Palavras-chave: EAD; subjetivação; saber-poder.

Abstract: This article works from the hypothesis that Distance Education (EAD) acts as a tool in the production of functional citizens for the world-system. To do so, based on excerpts from Enrique Dussel and Michel Foucault's thinking, it seeks to observe distance education, contextualizing it with an excerpt from an interview with a DE student.

Keywords: EAD; subjectivation; knowledge-power.

Resumen: Este artículo parte de la hipótesis de que la Educación a Distancia (EAD) actúa como una herramienta en la producción de ciudadanos funcionales para el sistema-mundo. Para ello, a partir de extractos del pensamiento de Enrique Dussel y Michel Foucault, se busca observar la educación a distancia, contextualizándola con un extracto de una entrevista a un estudiante de DE.

Palabras clave: EAD; subjetivación; saber-poder.

Introdução

Os estudos do filósofo argentino Enrique Dussel envolvem uma jornada ao eurocentrismo, em busca, primeiramente, pela América Latina. Na literatura clássica, a História mundial sustenta os eventos e conquistas europeias. Dussel enfocou seu aprofundamento na origem da situação que vivenciamos no Brasil e nos países vizinhos, observando a realidade oculta por trás da pobreza preponderante em todo o nosso continente.

A visão eurocêntrica significa que a Europa se designou como portadora mundial do Espírito como uma bênção natural destinada ao povo germânico, fazendo-se valer da verdade absoluta como fonte de conhecimento ilimitada e sobre a qual o mundo vivenciou o Renascimento, a Revolução Industrial e o “Novo Mundo”. Tal qual foi instalado o fanatismo europeu, que os outros continentes foram colocados em uma posição metafórica de periferia, isentos de direitos, vistos como dependentes e ignorantes necessitados de imposição de uma verdade absoluta mesmo que, para isso, fosse utilizada de extrema violência.

¹ Universidade São Francisco.

² Universidade São Francisco.

Esse entendimento, através de Dussel, permite a percepção da maneira com a qual o conhecimento é distribuído para a população mundial e como isso impacta na formação do sujeito pós-moderno pela Educação a Distância (EAD). Também a Pós-Modernidade, período atual, representa a globalização e o capitalismo que regem o sistema operacional e que influenciam diretamente nos pilares de formação individual, como a educação.

Complementando as discussões proposta por Dussel, buscamos em Michel Foucault, a partir do conceito de biopoder, relações produzidas a partir de elementos sociais que possibilitaram, ao longo da História, a sustentação do poder nas mãos daqueles que se colocam aptos para este fim, desde o princípio da nossa experiência como sociedade, indicando o controle de uns sobre a vida e a morte de toda a população. Isto, também colabora para o entendimento de relações de saber-poder que domina a ação do sujeito no sistema-mundo.

Deste modo, o sujeito contemporâneo, como o observamos, é constantemente exigido de autonomia e produtividade, sendo educado para se tornar empreendedor e participar do processo oscilatório por onde o mercado navega. A Educação a Distância, como um subproduto deste mercado, está aumentando os índices de matrículas e a sua aceitação para o ingresso de milhões de sujeitos que se preparam para corresponderem com as expectativas sobre os resultados de produção.

Diante desse cenário, emerge a seguinte questão: o que sustenta a relação do sujeito com o sistema-mundo pós-moderno, tratando de se utilizar do saber-poder para manter o controle eurocêntrico sobre o conhecimento?

A partir desta questão, a análise de um trecho de uma entrevista realizada com uma formanda em EAD pode nos apresentar problematizações sobre o processo de relações de saber-poder que transitam no contexto educacional contemporâneo.

A inserção do sujeito em um sistema-mundo

À maneira como o sujeito percebe a si mesmo na relação sujeito-objeto, denominaremos como processos de subjetivação, em que o sujeito formula a autocompreensão de quem é, através do que ele conhece. Complementarmente, Foucault, sobre a arte de governar, explica que “a maneira pensada de governar o melhor possível e também, ao mesmo tempo, a reflexão sobre a melhor maneira de governar”, que o autor indica ser uma prática “dentro e fora do governo” (FOUCAULT, 2008, p. 4).

A arte de governar gerou a mentalidade do biopoder na sociedade e, a partir desta maneira de pensar, a governamentalidade, inúmeras ferramentas foram desenvolvidas com base nessa sustentação – isso, Foucault denominou de *biopolítica*.

A biopolítica trata-se de controle sobre a maneira de pensar do sujeito e, este, sendo parte de uma configuração social com costumes locais, levantamos uma questão que Enrique Dussel problematiza e a qual procuramos pôr em diálogo com os estudos de Foucault sobre governamentalidade e biopoder: o modo como a Modernidade europeia, via processos de colonização e colonialidade encobriu modos de vida diferentes, presentes nos povos colonizados, e como isso reverbera no contemporâneo, aqui na leitura sobre a EAD.

Em sua obra *O encobrimento do outro*, Dussel (1993) explora a Modernidade no sentido de entender o lado pobre do mundo. Isto é, a Europa tomou a responsabilidade pela iniciação da Modernidade mundial e, consequentemente, a definição do que conhecemos como *periferia*.

A Modernidade originou-se nas cidades européias medievais, livres, centros de enorme criatividade. Mas “nasceu” quando a Europa pôde se confrontar com o seu ‘Outro’ e controlá-lo, vencê-lo, violentá-lo: quando pôde se definir como um ‘ego’ descobridor, conquistador, colonizador da Alteridade constitutiva da própria Modernidade. De qualquer maneira, esse Outro não foi

‘descoberto’ como Outro, mas foi ‘em-coberto’ como o ‘si-mesmo’ que a Europa já era desde sempre (DUSSEL, 1993, p. 08).

A afirmação de Dussel refere-se à violência aplicada nos processos de conquista de territórios e na definição de padrões de crenças e comportamentos que se originaram em 1492, com a descoberta do Novo Mundo pela Europa. Assim como Foucault explica que o biopoder está concentrado nas mãos de um soberano ou um governo controlador das massas, Dussel apresenta a maneira com a qual o mundo se subdividiu entre desenvolvimento e subdesenvolvimento a partir da biopolítica exercida pelos europeus.

A cultura de si foi moldada nesta base e o sujeito entende que é parte de um julgamento natural. Isso, porque a América Latina e a África foram esquecidas dos livros históricos como continentes originários de povoados próprios com crenças, hábitos, idiomas e preferências que fazem parte de culturas válidas.

O julgamento eurocêntrico se define através da imposição da cultura europeia como o centro do Planeta e, por este motivo, ditador de certas regras que visam ajustar os povos selvagens ou mal instruídos ao conhecimento europeu.

A colonização dos povos no continente americano e africano são referências históricas de peso que demonstram de que maneira os habitantes destes continentes foram inseridos na sociedade e, a partir da cultura europeia, foram adentrando na corrida do desenvolvimento.

Com o passar do tempo, alguns países foram avançando na concorrência, como os Estados Unidos, enquanto os países latino-americanos ficaram para trás, dentro do *ranking* mundial, sendo chamados de Terceiro Mundo – ou a periferia do mundo.

Até hoje, vivenciamos a colonialidade como um pensamento que prova a hierarquia racial, cultural, territorial, epistêmica e de gênero, onde a periferia tende a recorrer ao centro do conhecimento pois acredita que fora de suas fronteiras não existe nada, ou seja, como se ela própria não existisse sem este centro (DUSSEL, 1977). De tal maneira, o sujeito se identifica completamente, dentro do que sente sobre si mesmo, medindo o seu sucesso e o seu fracasso na visão eurocêntrica.

Na História, Cristóvão Colombo foi o primeiro homem “moderno”, apesar de haver vivido até a sua morte acreditando que as suas viagens tiveram a Ásia como destino. Posteriormente, Américo Vespúcio, ao “descobrir oficialmente” a América, transformou a Europa de uma “particularidade sitiada” em uma “universidade descobridora”, se tornando o precursor da Modernidade (DUSSEL, 1993).

Em sua obra *O encobrimento do outro* (1993), Dussel aborda os fatos históricos de conquistas europeias que marcaram as mudanças mais significativas em todo o mundo, como o “descobrimento” da América, o Renascimento, a Reforma e o Iluminismo.

O apontamento do autor se volta para o ego europeu sobre o domínio das faculdades do conhecimento primordial, a tal ponto que os europeus se posicionam, e isso acontece antes mesmo da percepção dos povos nativos de terras desconhecidas, como “missionários da civilização em todo o mundo”. Essa imagem, de acordo com os estudos do autor, representa a visão do “si-mesmo” no Outro, ou seja, o encobrimento do que este Outro é, porque o reconhecimento sempre foi ligado ao “si-mesmo” europeu (DUSSEL, 1993).

Durante a guerra da emancipação na Inglaterra do século XVIII, a qual desencadeou efeitos posteriores no continente americano:

Bentham viu isso em fins do século XVIII e Hegel o concebe em sua Filosofia do direito em 1921: ‘A Inglaterra compreendeu que lhe era mais útil a emancipação das colônias do que mantê-las independentes’. O império inglês compreendeu que pouava capital ao retirar sua burocracia e seus exércitos das colônias (DUSSEL, 1977, p. 17).

O autor demonstra uma observação de dois filósofos, ambos europeus nascidos no século XVIII, sobre uma tática governamental carregada de visão eurocêntrica no momento de transição das colônias para a “independência”.

Estamos a três séculos a frente e os resultados apontam características muito similares. A subjetivação do sujeito o leva a crer que a liberdade, seja ela geográfica, intelectual, comportamental ou de qualquer natureza, é uma ação conquistada, ou seja, uma ação de mérito por direitos civis ou deveres estatais.

Neste caso, o sujeito cria uma relação com a liberdade pelo poder. Isso significa que, mesmo que a liberdade de fato não exista, porque a emancipação é uma tática biopolítica, a ideia formulada pelo sujeito continua sendo de que houve uma melhoria conquistada, que provoca a sensação de autonomia (poder) sobre a sua própria liberdade. Essa tática, atrelada à arte de governar as populações, sempre foi bem sucedida, e por este motivo perdura até a Era Pós-Moderna.

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos passaram a operar com a publicidade dos meios de comunicação em massa, as matérias-primas foram tomadas por empresas chave, os mercados ganharam foco e a produção de desejos e necessidades foi alavancada. O domínio das periferias entre oligarquias nacionais foi acentuando um imperialismo ideológico, abrindo espaço para a mercantilização (DUSSEL, 1977).

Hoje, o sujeito precisa ser autônomo e empreendedor. A sua produtividade é colocada em concorrência para que ele seja o melhor e obtenha o maior lucro em suas ações. O sujeito útil para o Estado é o sujeito produtivo, portanto, o Estado foi percebendo que, da mesma maneira em que a emancipação das colônias foi uma boa ideia no século XVIII, a autonomia do sujeito representa uma economia governamental.

Enquanto o sujeito tem a “liberdade” de obter mais lucro proporcional a sua produtividade, menos custo o Estado garante com a diminuição de cargos fixos em regimes CLT, em troca da prestação de serviços por microempresários, onde o prestador é mais responsável em troca de uma autonomia maior, seja por flexibilidade no trabalho, seja pela participação nos lucros entre outros fatores que instigam esse tipo de contratação.

Da mesma maneira, a educação prepara o sujeito para a sua autonomia produtiva e recruta estudantes para o mercado de trabalho. A Pós-Modernidade acentua o período contemporâneo, fruto da Modernidade e do eurocentrismo, atribuindo recursos cada vez mais tecnológicos e universais para uso em todos os continentes. A EAD, neste cenário, entra como um subproduto contemporâneo, mercantilizado.

A EAD na pós-modernidade

A Pós-Modernidade carrega a bagagem do eurocentrismo, da conquista intelectual e tecnológica e do capitalismo, o que traz a sociedade atual a um patamar mais aprofundado na globalização de produtos e serviços.

De acordo com o biopoder explicado por Foucault, desde a Era Colonial, o sistema soberano se certificava de manter o controle sobre o conhecimento, o que não ocorre de maneira tão diferente na contemporaneidade.

O que mudou, entretanto, foi a criatividade no uso desse conhecimento para manter o biopoder sustentado nas mãos do Estado. A arte de governar substituiu a autoridade soberana e formas mais sutis de controle foram sendo aprendidas.

Uma vez reconhecidos os territórios, geographicamente, passava-se ao controle dos corpos, das pessoas: era necessário ‘pacificá-las’ – dizia-se na época. [...]

O ‘conquistador’ é o primeiro homem moderno ativo, prático, que impõe sua ‘individualidade’ violenta a outras pessoas, ao Outro (DUSSEL, 1993, p. 43).

Identificar a população como um ponto chave é primordial para entendermos o porquê, dentro da conformidade com as conclusões de autores como Foucault e Dussel. A população ou a massa, por assim dizer, representa a força de trabalho que constrói e sustenta toda a estrutura social.

Desta maneira, controlando a massa, há maiores chances de sucesso. O sistema biopolítico serve como um especialista em criar e desenvolver ferramentas para o controle da massa, uma vez que o custo monetário é baixo para manter a mão de obra operante.

A educação é um exemplo muito importante e simples de analisar sob este aspecto, porque é um dos pilares mais essenciais de formação do sujeito para a convivência e a capacitação em sociedade. Porém, há séculos a educação é defasada, falha demais, com falta exagerada de recursos estatais para a inclusão de qualidade para todos.

É curioso, no mínimo, pensar que a educação no Brasil evoluiu tão pouco em comparação com a tecnologia. Temos smartphones, mas falta água e papel higiênico nas escolas. Isso, para começar a falar do básico.

A EAD entra como um subproduto contemporâneo, porque requer um comportamento capacitado para o universo digital, assim como os devidos recursos para o aprendizado e a manutenção de aparelhos e planos de conexão que se fazem necessários para a configuração de sala de aula virtual existir.

Entendemos a EAD como uma evolução para a educação, porque o pensamento eurocêntrico nos conduziu para este fim. Isso, porque o Brasil, sendo um país de Terceiro Mundo, e isso não é novidade, carece de incentivos muito mais básicos do que tecnológicos.

Tendo como referencial teórico a analítica de Foucault e Dussel e como contexto a pós-modernidade e a EAD, na próxima seção apresentamos análise de um excerto de entrevista feita com uma graduada em EAD.

Resultados de análise

Em entrevista com a estudante de EAD na formação em Pedagogia, Maria de Fátima, de 37 anos, a primeira resposta sobre a iniciativa em fazer o curso demonstra o perfil de milhões de brasileiros que vivem uma necessidade compartilhada de esforço para a conquista da sobrevivência:

Nunca pensei que pudesse chegar fazer uma faculdade, fui para escola com 15 anos, porque comecei a trabalhar na roça com 8 anos e não podia estudar, chegar até aqui é uma grande vitória para mim e minha família, sou a única que está na faculdade. Escolhi o curso a distância porque tinha muita propaganda e porque era o mais barato e também porque consegui bolsa. Não tenho despesa com transporte, alimentação o que foi importante, mas tive que comprar um computador porque no celular não consigo estudar a faculdade disse que isso é possível, mas é mentira (MARIA DE FÁTIMA).

Podemos perceber na fala da entrevistada, as nuances que compõem as táticas de manutenção do poder, na educação, em especial a distância, submetida aos valores do sistema, neste caso, de propaganda enganosa. Isso, porque como a própria fala da entrevistada comprova, a “propaganda” e o custo mínimo foram os fatores decisivos para ela ingressar no curso a distância, incluindo aí o fato de poder estudar pelo celular, segundo o que veiculava no anúncio do curso EAD. É nítido, em sua fala, que a situação econômica dela (ou familiar) não

alcançaria um custo mais alto com educação, contando com transporte, alimentação, matrícula e mensalidade que entrariam no orçamento para este fim.

O auto reconhecimento de Maria de Fátima evidencia uma diferenciação social, quando ela afirma que “*nunca pensei que pudesse chegar fazer uma faculdade*” e “*porque comecei a trabalhar na roça com 8 anos e não podia estudar*”. Isto é, a compreensão que ela traz é que a sua capacidade estaria atrelada a uma condição de escassez, por conta de sua necessidade mais básica. Por sua vez, por meio dos recursos que o sujeito utiliza para se tornar um objeto do conhecimento, pode-se identificar na fala da entrevistada, a opção pela EAD “*porque tinha muita propaganda e porque era o mais barato e também porque consegui bolsa*”.

Neste caso, partindo de que o conhecimento é eurocentrado, a EAD resulta em um recurso que a entrevistada utiliza para se tornar mais “apta” para a sociedade, porque acessará um caminho de desenvolvimento mais “condizente” com o conhecimento. Ela se considera vitoriosa e se esforça para a sua formação, tendo comprado um computador para acessar as aulas, mesmo acreditando que a instituição mentiu para ela. Consequentemente, o sujeito aceita a submissão, enquanto tem a sensação de inclusão social, que a leva para uma segunda sensação de poder (conhecimento). No entanto, ele é suscetível aos recursos oferecidos (e limitados) pelo sistema-mundo.

A divulgação da EAD, para este fim, é um ponto chave que comunica a intenção da biopolítica presente nas ferramentas sociais. Uma vez atingida com informações que criam acesso a um recurso, como a EAD, por exemplo, os benefícios funcionam para conquistar o público e fornecer uma solução que apazigua uma dor ou realiza um desejo.

De acordo com a Maria de Fátima, a instituição afirmou que seria possível assistir às aulas pelo smartphone, mas “era mentira”, pois teve que comprar um computador. Podemos analisar duas hipóteses neste caso: a primeira, que o aparelho celular da entrevistada não comportava o aplicativo que ela deveria acessar para o seu estudo; a segunda, que algum representante da instituição falhou ao dizer que seria possível o acesso pelo celular.

Nas duas hipóteses, no entanto, a instituição não comunicou com clareza, ou honestidade, uma informação crucial para o acesso às aulas, o que forçou a entrevistada a comprar um computador. Em outros casos, entendemos que poderia não haver essa possibilidade e o sujeito teria que desistir do curso.

De uma forma ou de outra, a educação se mostra como um produto do mercado, mais uma vez, mesmo com ofertas irresistíveis, como a bolsa de estudos e a condição a distância, quando se pensa em custos e tempo dedicados para este objetivo.

A periferia, ou seja, o lado pobre da civilização, não tem participação real e justa, por não conhecer a verdade e não ter domínio sobre a mesma, uma vez que está sendo manipulada a acreditar que é agente ativa, enquanto é mantida em condições de escassez de informações de acesso à verdade e ao poder.

Para Foucault, o sujeito vai sendo constituído, ele não existe *a priori*. A constituição do sujeito depende das relações de poder-saber às quais está submetido em um determinado momento histórico. A educação é o fundamento inicial de toda a concentração de poder. É onde ingressamos a nossa jornada ao conhecimento e ao autoconhecimento.

Considerações finais

Para Maria de Fátima, a bolsa de estudos em EAD realizou o sonho de se tornar a primeira formanda de sua família. Este é um exemplo clássico da falsa ideia de libertação. Isto é uma prática que já faz parte da governamentalidade inserida em todos nós, é que o biopoder consegue se manter independente de nossas crenças e revoluções.

A história da Maria de Fátima não é incomum, pelo contrário. Quando nos relacionamos com aspectos de base para a subsistência da população, como a educação, a alimentação, a moradia e a saúde, não é novidade que faltam muitos recursos. Maria de Fátima é, certamente, uma consumidora de produtos e serviços. Desde a moradia, alimentação e todo tipo de consumo que ela possa ter, estão embutidos altíssimos impostos que ela paga em cada gasto. Destes impostos, o retorno que ela tem do Estado ou até mesmo no caso em uma bolsa de estudos, é carregado de falhas, entre a má qualidade de serviços prestados ou a falta dos mesmos. Entretanto, ela não pode escolher deixar de pagar pelos impostos embutidos, ao contrário ela não poderia comprar. Isso prova que o Estado se certifica do recolhimento de impostos o máximo possível, enquanto o sujeito não tem garantia nenhuma de receber algo em troca, do qual ele possa usufruir em sua integridade, porque, por mais inadimplentes que existam, o Estado sempre tem capital e poder – o que não podemos dizer sobre o sujeito.

No caso da Maria de Fátima, o resultado após a sua formação ditará as possibilidades que o mercado oferece e que serão compatíveis com a preparação profissional realizada pela mesma instituição acadêmica que gerou um descrédito inicial e uma suspeita consequente sobre a qualidade de outros recursos que a instituição deveria fornecer. Também, a otimização do tempo de estudo com a EAD colabora para que mais pessoas foquem na preparação profissional, sendo induzidas a acreditar que isso é positivo para o melhor aprendizado delas.

A EAD, neste cenário, está muito distante de apresentar uma alternativa de solução para os problemas que a educação ainda sofre no Brasil, assim como em outros países tidos como periféricos no mundo. A ideia de que uma pessoa sem condições financeiras para pagar por sua formação educacional possa ingressar em uma EAD não deveria ser um sonho a ser conquistado, e sim uma prática habitual de provisão do Estado para toda a população. A própria desconfiança gerada na fala da entrevistada é um índice de que a impressão com a qualidade da instituição EAD não é satisfatória.

Essa distinção, por sua vez, também é fruto da mercantilização que sugere um valor proporcional ao custo, o que advém do eurocentrismo que leva todo o conhecimento para uma mesma ideia central: a de que o berço de toda a sabedoria e riqueza se concentra na Europa e que os países periféricos, últimos na corrida do desenvolvimento, não são dignos de uma vida com a mesma qualidade, porque estão sendo subjugados sob uma ordem mundial que está acima de suas próprias necessidades, ou melhor dizendo, que as suas necessidades devem estar de acordo com as imposições centrais de poder.

Referências

- DUSSEL, E. *1492 – O encobrimento do outro*: a origem do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993. Disponível em: <https://mega.nz/#F!qyRglCYJ!JZVXny6uobdaEY9Mf45gA!KjhgSQIY>.
- DUSSEL, E. *Filosofia da libertação*. Trad. L. J. Gaio. México: Editorial Edicol, 1977.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Sobre as autoras

Nancy Rigatto Mello. Doutoranda em Educação pela Universidade São Francisco. Especialista em Metodologia de Ensino, Especialista em História da Arte, Especialista em Educação Ambiental. Possui graduação em pedagogia pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro e graduação em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado.

E-mail: nrigatto10@gmail.com.

Marcia Aparecida Amador Mascia. É graduada em Letras e Mestre em Linguística e Língua Portuguesa, pela UNESP, doutora em Linguística Aplicada, pela UNICAMP e possui doutorado sanduíche e Pós-doutorado em Educação, pela “University of Wisconsin–Madison” (EUA), no Departamento de “Curriculum and Instruction”, sob supervisão do Professor Thomas Popkewitz. Atua como docente do programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, da Universidade São Francisco.

E-mail: marcia.mascia@usf.edu.br.